



REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

A COPA DO MUNDO DE 1950 X COPA DO MUNDO DE 2014: APROXIMAÇÕES E/OU DISTANCIAMENTOS

Eliazar João da Silva¹

Resumo

As décadas de 1930 e 1940 significaram um momento importante para a compreensão do futebol numa dimensão que vai além dos gramados. Inúmeros eventos relativos a esta prática no período mencionado foram elucidativos para esta percepção. Um deles diz respeito à construção de centros esportivos em várias cidades brasileiras. Tão importante quanto às possíveis motivações para a relativamente rápida edificação destes estádios, reside o debate sobre a participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1950, sobretudo quanto aos resultados “dentro de campo” na final contra o Uruguai, e que também atingiram espaços para além dos gramados. Pretende-se, aqui, retomar o debate a respeito da compreensão do futebol no período imediatamente anterior à Copa do Mundo de 1950, numa perspectiva de estabelecer algumas interlocuções possíveis, ou não, à realização de outra Copa do Mundo no país neste ano de 2014.

Palavras chave: Futebol. Estádios. Copa do Mundo.

Desde 1930, as copas do mundo de futebol são disputadas a cada quatro anos, exceto nos anos de 1942 e 1946, período no qual ocorreu a chamada “2ª guerra mundial”. Diferentes leituras, particularmente no Brasil, podem ser feitas acerca deste fenômeno esportivo que vai além do “campo de jogo”.

Após a edição do primeiro campeonato mundial de 1930, o país sediou o torneio em duas oportunidades: 1950 e 2014. Guardadas as devidas dimensões que o tempo requer e impõe acerca de quaisquer análises quer possam ser construídas, o horizonte deste texto é o de apontar em que medida é possível sugerir as aproximações e/ou distanciamentos interpretativos entre estes dois momentos, nos quais o Brasil apresentou-se como anfitrião para a realização da Copa do Mundo de Futebol.

No início da década de 1950, instalaram-se, especialmente nos centros urbanos, um maior número de indústrias, tendo como decorrência, um aumento da população nessas urbes. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo foram localidades cujos espaços

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. eliazarsilva@hotmail.com

foram explorados para instalação de fábricas. Esse processo de “modernização” foi mais intenso nas cidades mencionadas, se comparadas com outros locais do país, tal como o foi no limiar do século XX.² A organização da Copa do Mundo, neste sentido, seria também um momento de afirmação e divulgação internacional dessa modernização.

Se a discussão acerca da composição étnica da sociedade brasileira em décadas precedentes, por um lado não avançava em problemas relacionados ao preconceito e a exclusão, por outro tornou presente uma perspectiva de compreensão da miscigenação ocorrida ao longo dos séculos, tal como debatido, por exemplo, por Gilberto Freyre em “Casa Grande & Senzala”. Manifestações populares como o futebol foram incorporadas por diferentes camadas sociais e étnicas. Deste modo, o esporte simbolizava a fusão destas diferentes camadas, o que também poderia lhe conferir um significado de nacionalidade.

Este debate que se caracterizou por atingir, relativamente, maiores proporções na década de 1930, adquiriu novos contornos na década de 1950 especialmente em relação à unidade nacional. Em âmbito internacional, esse foi um momento de articulação dos ideais das duas grandes potências, após a segunda guerra mundial: Estados Unidos e a extinta União Soviética.

Essa bipolarização teve interferência na política e na economia de vários países. Foi um período em que a competitividade ditava rumos a serem trilhados. O esporte representava uma dessas perspectivas. Segundo Parada,

A cidade do Rio de Janeiro experimenta, após a segunda guerra mundial, uma certa transformação na sua espacialidade bem como no seu imaginário urbano. Novos espaços surgem alterando a paisagem da cidade de Pereira Passos. A avenida Getúlio Vargas, o Maracanã, a Copacabana hollywoodiana, (...) vão se constituir nos novos locais de socialização da Capital Federal.³

Conforme apontou Sevcenko, a vitória nos confrontos esportivos adquirira significados que aguçavam o sentimento de amor à pátria desde a primeira guerra mundial. Como esporte de maior apelo popular não apenas no Brasil, mas da maioria dos países, a eventual conquista do torneio a ser disputado “premiaria” todos os esforços dispensados em relação à valorização do esporte (simbolizada naquele momento pela construção do estádio na capital federal).⁴ A conquista da Copa do Mundo remeteria à ideia de que o país seria forte e vencedor. O futebol se configuraria como uma propaganda bastante positiva do Brasil.

² A este respeito, ver entre outros SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade cultura nos fremente anos 20*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

³ Cf. PARADA, Maurício B. A. “A fundação do museu de arte moderna do Rio de Janeiro: a elite carioca e as imagens da modernidade no Brasil dos anos 50”. In: *Revista Brasileira de História*, n. 27. 1994. p. 113.

⁴ Cf. SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”. In: *Revista USP*, 1994. n. 22. p. 30-37.

A expectativa da possibilidade de êxito no campeonato se traduzia nos discursos de políticos, nas transmissões radiofônicas, nas matérias apresentadas pelos periódicos, e no “otimismo” popular. O maior estádio esportivo havia sido erguido, justamente para a realização do torneio. Ademais, na última copa disputada em 1938, a seleção brasileira apresentara-se, relativamente, muito bem. Todos os indícios apontavam para a vitória do futebol brasileiro. As celebrações oficiais de inauguração do Maracanã continuavam. O Jornal *O Estado de S. Paulo*, bem como outros inúmeros periódicos noticiavam a preparação para a Copa do Mundo.

O ambiente esportivo em todo o Brasil já apresenta um aspecto diferente, movimentado, cheio de interesse, até mesmo por parte daqueles que nunca se interessaram pelo esporte mais procurado em todo o mundo. (...) Todos [países europeus envolvidos na Copa do Mundo] podem ser considerados atrações.⁵

A ideia da construção de grandes estádios como símbolos da valorização dos esportes iniciada na década de 1930, encontraria no Maracanã e na realização da Copa do Mundo, o momento, até então, mais representativo desse processo. De fato, o estádio erguido alterou a paisagem do Distrito Federal. Após sua inauguração, o Maracanã se tornou um dos pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro.

Todas as notícias veiculadas pelos periódicos e transmissões radiofônicas davam conta de que a construção do Maracanã por si só elevaria a seleção brasileira ao título de campeã do mundo. O ambiente seria “o mais favorável” à equipe nacional. Raras vezes na história da capital da República, mobilizaram-se governo e demais setores sociais, em relação a uma competição esportiva.

Oferecendo a obra e explicando sua significação, falou o Prefeito Mendes de Moraes. Depois, o Presidente da República cortou a fita simbólica, sendo a gigantesca praça de esportes entregue ao público. Foi inaugurada também uma placa comemorativa do ato, com as efígies do Presidente e do Prefeito. A casa da moeda já executou três espécies de selos postais que serão lançados por estes dias, em comemoração dos jogos do Campeonato do Mundo.⁶

Construído em 1940, o Pacaembu foi objeto de infindáveis discussões acerca da sua localização na cidade de São Paulo e não na capital da República. Nesse sentido, uma das justificativas apresentadas pelo governo federal para que o Rio de Janeiro também tivesse um “palco” privilegiado para as disputas, foi o fato de que o Distrito Federal deveria dispor

⁵ Jornal “OESP”. *Inauguração do Estádio Municipal do Rio de Janeiro*, 08-06-50.

⁶ Revista “O Cruzeiro”. *Os europeus na Copa no Mundo*, 10-06-50.

de um estádio ainda mais imponente que a praça de esportes paulistana.⁷ Reitere-se que esses estádios foram, em vários momentos, locais para discursos políticos, e mesmo para o anúncio de alguma medida considerada relevante, tomada pelo governo federal, tal como foi levado ao conhecimento público, a implantação do salário mínimo no Estádio do Vasco da Gama.

Além do Pacaembu e do Maracanã, outros estádios foram construídos nesse período, todavia, eles não foram objeto de exaustivas notícias publicadas pela imprensa, se comparados com os centros esportivos das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Este foi o caso, por exemplo, do estádio Independência, localizado em Belo Horizonte.

Estava programada para domingo a inauguração do estádio do Sete de Setembro, com a realização do encontro entre a seleção de novos de São Paulo e do Rio de Janeiro. Entretanto, por motivos de ordem técnica, a inauguração do Estádio Independência foi transferida para o dia 25, quando do 1º jogo da 'Copa do Mundo' em Belo Horizonte.⁸

Num cenário que escapa às questões meramente esportivas, a década de 1950 foi marcada por uma "euforia" nacionalista, motivada especialmente por representantes do governo federal. O cenário de urbanização e de industrialização verificados em alguns centros urbanos, como as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, favoreciam essa possibilidade. Assim, tornava-se tentadoramente fácil associar o eventual sucesso futebolístico a outras questões sociais.

Nelson Rodrigues foi um dos cronistas esportivos que mais suscitou discussões em seus comentários, quando escrevia sobre as relações entre o brasileiro e o futebol. Embora alguns apontamentos de seus textos mereçam ser relativizados, acreditamos ser possível, desde já, afirmar que as motivações que levavam Rodrigues a apresentar suas ideias, a partir também daquilo que os diferentes noticiários esportivos publicavam sobre a Copa do Mundo de 1950, assemelham-se a várias questões publicadas pelos periódicos. Segundo crônica do jornal "A Noite",

⁷O Maracanã, nome popularmente conhecido do estádio da capital federal, é uma referência às proximidades do curso de um rio, onde se situa o centro esportivo construído. Sobre a etimologia da palavra Maracanã e as opções para a denominação popular do estádio, ver PEDROSA, Milton. (org.). *Gol de letra*. Rio de Janeiro: Gol, 1967. Segundo matéria do "Correio da Manhã" de 18-06-50, "Talvez o único episódio lamentável da inauguração do Estádio Municipal, e de todo seu período de construção, tenha sido a insistência de alguns órgãos de imprensa, em denominar a nova praça de esportes de Estádio Municipal do "Derby Club", quando sua localização às margens de um tradicional rio de nossa capital, lembra um nome que além de mais sugestivo é mais bonito e brasileiro: Maracanã". Este mesmo periódico publicou matéria em 12-07-50, na qual se narra o "batismo" do Maracanã. Segundo o jornal Correio da manhã, "(...) Coloquemos o estádio do Distrito Federal em condições de igualdade como de S. Paulo. Depois de um Pacaembu só poderemos ter um Maracanã".

⁸Jornal "A Noite". *Transferida a inauguração do Estádio do 7 de Setembro*, 15-06-50.

Está pronto o Estádio para a Copa do Mundo. E o monumento hoje inaugurado, pela manhã, no antigo Derby Club, é o reflexo de quanto pode a capacidade do homem brasileiro. Não se trata de uma simples obra, ou de uma praça de esportes comum, como parece a primeira vista. O Estádio Municipal é um gigante de cimento armado, construído para admiração do mundo e para orgulho do nosso povo. (...) Hoje, o Brasil possui o maior e mais perfeito estádio do mundo, dignificando a capacidade do seu povo e a sua evolução em todos os ramos da atividade humana. (...) Agora, temos um palco de proporções fantásticas para que o mundo inteiro possa se encontrar na admiração de nosso prestígio e de nossa grandeza esportiva. O Estádio Municipal veio, portanto, com a 'Copa do Mundo', para assinalar esse encontro de emocionante significação histórica. Deve-se muito, ou quase tudo ao espírito empreendedor, ao dinamismo, à coragem do general Mendes de Moraes, um brasileiro que ama a sua terra acima de todas as coisas. (...)⁹

Os argumentos apresentados nas matérias publicadas remetem às expectativas criadas naquele período circunscrito à realização da Copa do Mundo, em que pese a orientação político ideológica de alguns periódicos. Este sentimento de nacionalismo seria muito enfocado por Rodrigues, quando afirma que o ano de 1958 representaria a "redenção do atleta brasileiro", uma vez que finalmente a seleção nacional venceria seu primeiro campeonato mundial.

A festa para a eventual conquista de 1950 estava devidamente preparada. Estádios bem estruturados foram construídos para a disputa (dentre eles, o imponente Maracanã), e a proliferação de um otimismo em relação aos jogos, jamais visto até então. O futebol, neste sentido, respondia a uma série de possibilidades, dentre elas a desejável preparação do físico e a perspectiva simbólica de afirmação de um povo através das conquistas nas partidas. Os centros esportivos seriam espaços privilegiados para que se confluíssem populações de diferentes origens sócio-econômicas, experimentando a mesma sensação de unidade nacional por meio da sua "torcida" ao presenciarem os jogos.

Por outro lado, havia uma oposição em relação a este cenário. Todavia, esta oposição tinha características meramente políticas. Independentemente dessas condições, existiam contraposições à própria construção do estádio da capital federal. Carlos Lacerda, por exemplo, se apresentava como um crítico veemente daquele conjunto de circunstâncias. Em seu jornal "Tribuna da Imprensa", Lacerda recorrentemente se dirigia ao projeto da construção do Maracanã como algo que estaria a serviço do enaltecimento do general Mendes de Moraes e também de Eurico Gaspar Dutra.

A inauguração do Estádio Municipal transformada em pantomina de dois atos. O primeiro, hoje, com o sr. Dutra cortando a fita simbólica, qual um Aladim moderno, repetindo o lendário abre-te-sésamo.... E ainda o sr. De Moraes discursando e celebrando-se. Fazendo festejado e importante o dia

⁹ Jornal "A Noite". *Um sonho transformado em realidade*, 16-06-50.

de mais um aniversário de sua gestão. O segundo ato, marcado para amanhã, com revoadas, desfiles, busto do sr. Moraes, cantorias de futebol de novos. Ninguém contesta, o acontecimento é de extraordinária repercussão. (...)¹⁰

Fosse por motivações políticas ou não (afinal os meses de junho e junho foram os da realização da Copa do mundo), as eleições para outubro estavam marcadas. A acusação que se fazia era a de que se explorou em demasia o campeonato mundial em favor de determinadas candidaturas. Vale lembrar que posturas como essas vinham sendo praticadas desde décadas anteriores, não apenas em âmbito nacional como também internacional.

Reitere-se que os próprios regimes do fascismo e do nazismo exploraram, sobremaneira, as atividades esportivas como forma de sua propaganda. Tal fato também ocorreu durante a vigência do Estado Novo no Brasil. Nesta perspectiva, a postura do governo na década de 1950 em relação aos esportes, não se configurou como uma novidade. A questão que deve ser pensada diz respeito ao fato dos riscos que, certamente, poderiam decorrer do reducionismo em se associar, categoricamente, nação e futebol.

É possível supor e concordar que o ambiente vivido no país, na década de 1950, favorecia uma simplificação quanto à ideia de associação entre vitórias da seleção brasileira e o espírito da nacionalidade. Durante os dias que antecederiam ao início da Copa do Mundo, acreditava-se que o Brasil ia se tornando cada vez mais conhecido internacionalmente. Os jogos seriam realizados, não apenas no Distrito Federal, mas também em outras localidades do território nacional.

Não obstante a "atmosfera positiva" em torno do futebol brasileiro tanto na Copa de 1950, quanto na Copa de 2014, a seleção nacional não obteve êxito. As justificativas foram e continuam sendo as mais diversificadas e, talvez, improváveis. O fato é que em ambos os eventos, as expectativas não se concretizaram, o que permitiu um conjunto de leituras ainda bastante debatidas.

De todo modo, elementos da cultura popular de massa, como o futebol foram interpretados como importantes canais de manifestação coletiva, especialmente de grandes centros urbanos, o que conferiu ao esporte um símbolo de identidade cada vez mais consistente, em especial, a partir do ano de 1950, quando o Brasil sediou o mais importante campeonato de futebol do mundo.

A partir deste breve texto, e considerando uma perspectiva mais de aproximação entre os eventos futebolísticos ocorridos tanto em 1950, quanto neste ano de 2014, nosso

¹⁰ Jornal "Tribuna da Imprensa", 17-06-50. Apud. MOURA, Gisella de Araújo. *Op. Cit.* p. 47.

horizonte é o de que as derrotas da seleção brasileira frustraram significativamente as expectativas geradas em torno das referidas Copas do Mundo.

As leituras que seriam, seguramente, bastante positivas em relação aos atletas, adquiriam dimensões opostas. Todos os adjetivos até então dirigidos às equipes nacionais de 1950 e 2014, modificaram-se numa rapidez súbita. Aqueles jogos da final contra o Uruguai, e das quartas de final contra a Alemanha, respectivamente em 1950 e 2014, apresentaram-se como síntese do espírito de vitória dos brasileiros, tal como seu inverso, isto é, o “espírito de derrota” pelo qual os jogadores brasileiros seriam caracterizados. Dentre tantos outros adjetivos - na perspectiva de vários periódicos - faltaram “fibra, força e controle emocional” aos atletas.

Ao recuar no período pós Copa de 1950 de um lado, e de outro, nos colocarmos num tempo mais próximo como este pós 2014, é possível supor que passados cerca de meio século entre um evento e outro, há mais aproximações entre os dois eventos do que o inverso. Entre tantas outras possibilidades de comparação, uma delas nos parece reveladora do horizonte traçado neste texto. Trata-se do comportamento de diferentes veículos da imprensa quanto aos eventos ocorridos antes, durante e após o insucesso da seleção brasileira.

A partir dos justificados cuidados impostos pela historiografia quanto às análises dos eventos “em curso”, cremos, ao menos, suscitar uma indagação: a construção de “bodes expiatórios” não marcam significativamente a maneira pela qual lidamos com o fracasso, sejam eles em que cenário for? Certamente é um questionamento em aberto, e em espera por leituras que contrapõem novas e antigas interpretações.